

## HENRI MESCHONNIC: A TRADUÇÃO É UM CAMPO DE BATALHA

ELVIS BORGES MACHADO (UFPA)<sup>1</sup>

**RESUMO:** Autor de textos ensaísticos marcantes e de poemas que têm aberto novas perspectivas para a poesia francesa contemporânea, Meschonnic tem-se caracterizado por um espírito inquieto, voltado à discussão de problemas de seu tempo, ainda que possua sólida formação também sobre o passado. No campo dos estudos da tradução, Meschonnic nos legou uma obra que nos ensina que o trabalho do pensamento é inseparavelmente crítico, ético, poético e político. Não obstante, essa multiplicidade de conhecimentos em discussão no conjunto da obra meschonniqueana se impõe numa coesão de perspectiva que requer do leitor uma articulação mínima entre *linguagem-tradução-ética-política*. Assim, com o intuito de esclarecer pontos importantes do pensamento tradutório do autor, este artigo revisita sua biografia, a sua recepção na França e interpreta conceitos-chaves, compreendendo a obra de Meschonnic pelo modo próprio como ele se lança aos desafios da linguagem, e este modo singular se encontra na abertura intelectual definidora de um pensamento sempre dinâmico e nada dogmático.

**PALAVRAS-CHAVE:** Henri Meschonnic. Tradução. Política da língua.

## HENRI MESCHONNIC: TRANSLATION IS A BATTLEFIELD

**ABSTRACT:** *Author of outstanding essays and poems that have opened new perspectives for contemporary French poetry, Meschonnic has been characterized by a restless spirit, focused on the discussion of problems of his time, although he also has a solid formation on the past.. In the field of translation studies, Meschonnic bequeathed us a work that teaches us that the work of thought is inseparably critical, ethical, poetic and political. Nevertheless, this multiplicity of knowledge under discussion in Meschonnic's work as a whole imposes a cohesion of perspective that requires from the reader a minimum articulation between language-poem-ethics-politics. Thus, with the aim of clarifying important points of the author's translation thinking, this article revisits his biography, his reception in France and interprets key concepts, understanding Meschonnic's work by the very way he launches himself to the challenges of language, and this unique way is found in the defining intellectual opening of a thought that is always dynamic and not dogmatic.*

**KEYWORDS:** *Henri Meschonnic. Translation. Language policy.*

## INTRODUÇÃO

*La traduction, comme tout que est du langage  
 ne cesse d'être un conflit  
 (Meschonnic, 1981, p. 40)*

Muitos leitores acharão motivo para espanto se alguém dissesse que Henri Meschonnic (1932-2009) é um dos maiores pensadores sobre tradução dos nossos tempos, ou que ele foi seguramente o maior expoente da teoria tradutória no tempo em que começava as preocupações com questões éticas e políticas (culturais) da tradução. Ao enfatizar sua importância, comentou Geovani Dotolli que “Henri Meschonnic é um militante da tradução, provavelmente o maior militante e

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (2022). Especialização em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Londrina (2023). Graduado em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (2018). Integra o grupo de pesquisa NELAA - Núcleo de Estudos em Literaturas e Artes Anglófonas. E-mail: profelvismachado@gmail.com.

herói do traduzir da história da França”<sup>2</sup> (2003, p. 97). De fato, essas palavras nos fazem pensar que Meschonnic foi capaz de uma grande façanha no campo da tradução que ainda permaneça não tão conhecida. Isso porque são sempre difíceis de apreciar novas iluminações, quando estas precisam de uma mudança maior na estrutura do próprio pensamento ocidental. E é neste sentido que vai dar sua militância: uma constante preocupação em denunciar e, muitas das vezes, atacar essa herança cultural de formação do ocidente: o signo<sup>3</sup>.

Meschonnic encontrará nas traduções da Bíblia, obra capital de nossa cultura, o campo de batalha por excelência desta militância, na medida em que a tradução bíblica se tornou tanto o domínio mais antigo, quanto o mais atual, em que as teorias da linguagem podem ser observadas e, conseqüentemente, expostas suas fragilidades. Essa busca de expor e denunciar as ideologias e as *doxas* que marcam as práticas da linguagem colocou Meschonnic em desacordo com as forças dominantes de sua época, pois suas análises, às vezes, repercutiam de forma negativa e embaraçosa para os acusados<sup>4</sup>. Com a tradução não foi diferente: sua obra assumiu os contornos de um combate e denúncia à má tradução, entrelaçando uma série de fios que se expandem por quase trinta anos de reflexão tradutórias. Isto requer daquele que for explicar-lhe as ideias que esteja atento para a prodigiosa carreira do autor. Por isso, qualquer que seja o nível de análise, explicar a visão tradutória de Henri Meschonnic exige, assim, a exposição de suas ideias como uma compreensão do contexto em que elas foram criadas. É também importante ter alguns dados biográficos, uma vez que sua teoria tradutória foi moldada por encontros que ele teve com o totalitarismo e outras ideologias sufocantes. Veremos que Meschonnic é, e não poderia ser de outra maneira, um homem marcado por seu tempo.

### “O ESTRANGEIRO NO TEMPO”

Henri Meschonnic nasceu em Paris, no período entre guerras, em 1932. Seus pais, judeus oriundos da Bessarábia (antiga região da Europa Oriental), emigraram para a França em 1924, fugindo da grande revolução socialista de outubro de 1917. Em 1942, a Alemanha nazista invade a França, quando Meschonnic tinha apenas 10 anos. Pertencer a uma família judia durante a ocupação era um risco muito grande; por isso procuraram ocultar suas origens da Gestapo mudando-se para Nîmes, interior sul da França, até que a zona não fosse mais protegida. Posteriormente, foram para Vercors, pequeno vilarejo vizinho de Genoble, e lá ficaram até a Libertação, em 1945. Em seu livro *// ritmo come poetica* (2006, p. 26), Meschonnic conta um pouco de sua infância marcada pela guerra, e nos dá um *close-up* de seu cárcere em Vercors: “Estávamos na escola com duas crianças judias e o professor que estava avisado pela Resistência, cada vez que vinha a Gestapo fazia um sinal com a

<sup>2</sup> Em francês: “Henri Meschonnic est un militant de la traduction, probablement le plus grande militant et héros du traduir dans l’histoire de France” [tradução nossa].

<sup>3</sup> Se todas as atividades de sentido perpassam pela linguagem, logo, o signo, como um modelo binário da linguagem, não vai apenas se reduzir à língua, mas vai alcançar dimensões sociais, políticas, antropológicas, filosóficas e religiosas: direita e esquerda; individual e social; alma e corpo; morte e vida; natureza e cultura, etc. Todas essas dicotomias, que permeiam a nossa vida e o mundo em que vivemos, acontecem na linguagem e pela linguagem. Meschonnic, portanto, vai criticar essas formas tão presentes e difundidas de pensar e olhar o mundo e permitir um novo olhar que faz com que possamos sair dessa dualidade. Assim, no campo da tradução, vai criticar as dimensões do traduzir - (equivalência/correspondência, fidelidade/traição, criação/decalque, língua fonte/língua alvo) e irá se permitir pensar por outros caminhos.

<sup>4</sup> Meschonnic não poupou de exame nenhum dos mais aclamados pensadores ocidentais (Hegel, Platão, Marx), como também atacou os *maitre à penser* do século XX (Heidegger, Bonnefoy, Derrida, Ricoeur, Rene Girard). Como foi muito bem argumentamos por Antoine Berman (1995), o pensamento teórico de Meschonnic se funda sobre a necessidade de um exercício crítico, considerado como elemento positivo e como um tipo de sinônimo do pensamento. De fato, pensar, para o autor, é criticar. Essa é a condição *sine qua non* de um movimento do pensamento para Meschonnic. Assim, em entrevista para o poeta Jacques Ancet (1994), Meschonnic diz: “Je passe tellement pour polémique, qu’on pourrait croire qu’une réflexion ne se constitue et ne dure qu’en se dressant contre un adversaire, réel ou supposé”.

mão e nós saíamos”<sup>5</sup>.

Outro fato marcante aconteceria em sua juventude e sacudiria seu país. Em 1960 acontece a guerra de independência da Argélia, e Meschonnic realiza seu serviço militar obrigatório. passa dois anos na Argélia, durante os quais oito meses foram na guerra: “ouvir balas assobiando no alto, a sentinela sendo montada à noite, longe do acampamento, quando se ouve a história das sentinelas sendo massacradas, tudo isso deixou marcas profundas em mim”<sup>6</sup> (2006, p. 29). Ele conta, também, que aprendeu o hebraico como autodidata durante a guerra, aos 27 anos, levando uma gramática do hebraico bíblico, escrita por Wein Green. Sem dúvida, esses fatos, constantemente relatados nas entrevistas, marcaram a vida desse pensador, e os conflitos que ele passou tiveram influências decisivas em suas obras.

Aqui, lidamos com as reminiscências de um homem que conseguiu extrair sentido de sua própria peregrinação pessoal e intelectual, desde a busca tangível e gradual descoberta de um lugar onde encontrar auxílio e socorro à guerra da independência argelina. Acreditamos que relatos como esses acabam sendo, além disso, uma maneira de entender a suposta “relevância” da vida do pensador para o amadurecimento de suas perspectivas. Meschonnic viveu toda uma transformação que se converterá em sua prática tradutória, pois, de fato, sua vida e obra se confundem, e não é sem razão que escolhe como epígrafe uma frase de Paul Valéry para ilustrar sua posição em *Critique du rythme* (1982, p. 15): “Em verdade não há teoria que não seja um fragmento, cuidadosamente preparado, de qualquer autobiografia”<sup>7</sup>.

Nesse contexto, marcado por tantas rupturas de origem política e cultural, a tradução seguiu um percurso que revelou sua face ética e política, e isso porque ela foi solidária das várias transformações culturais que aconteceram no século; transformações ligadas às descolonizações (como é o caso da independência argelina), à derrocada dos imperialismos e, sobretudo, à globalização das relações humanas. A mudança na percepção do estrangeiro nas políticas culturais europeias levaria a uma mudança nas perspectivas tradutórias, uma abertura para o outro do texto a traduzir. A alteridade passa então a ter um valor muito importante e a cultura estrangeira não é apenas anexada, mas vista como uma riqueza que pode ser acrescentada em sua cultura. Nenhum outro país europeu se abriu tanto à interculturalidade no século XX quanto a França, por isso, terá grandes pensadores desse problema, como Ricoeur, Levinas, Berman, Derrida, entre outros. Por vários motivos, a tradução estará no centro dessas discussões e demonstrará que “um tradutor sem consciência histórica é um tradutor mutilado, prisioneiro de sua representação do traduzir”<sup>8</sup> (BERMAN, 1995, p. 61).

A obra de Meschonnic vai repercutir essas questões de uma forma única, trazendo à baila uma dimensão negligenciada na história da tradução: “o significante judeu”. Para Meschonnic, as traduções da Bíblia não vão refletir apenas a história ocidental das práticas tradutórias, já que não se trata somente de questões filológicas entre as línguas, mas também o escamoteamento do pensamento judaico. É unânime entre os estudiosos que a importância da tradução ultrapassa as trocas culturais. Nesta perspectiva, Meschonnic (1999) vai desenvolver a ideia de que, no caso europeu, a cultura inteira está fundada sobre as traduções da Bíblia e da filosofia grega. Para o poeta francês, existem culturas que estão centradas nelas mesmas, como as culturas árabes, da Índia, da

<sup>5</sup> Em italiano: “a scuola era vamo in due bambini ebrei e il maestro che era stato avvertito dalla Resistenza, ogni volta che veniva la Gestapo ci faceva un piccolo cenno con la mano e noi si usciva. Rimasi là fino alla Liberazione nel 1945” [tradução nossa].

<sup>6</sup> Em italiano: “sentir fischiare le pallottole sopra la testa, montare la sentinella di notte, lontano dal campo, quando si sente raccontare che le sentinelle si fanno scannare, tutto ciò ha lasciato in me tracce profonde” [tradução nossa].

<sup>7</sup> Em francês: “En vérité, n’est pas de théorie qui ne soit un fragment, soigneusement préparé, de quelque autobiographie” [tradução nossa].

<sup>8</sup> Em francês: “un traducteur sans conscience historique est un traducteur mutilé, prisonnier de sa représentation du traduir” [tradução nossa].

China e do Japão. Essas culturas estão em continuidade com seus textos fundadores; isso quer dizer que eles ainda são lidos em sua língua original, como é o caso do *Corão*, por exemplo, para a tradução árabe.

Já a Europa possui uma particularidade que se distingue das outras: ela foi culturalmente fundada sobre traduções<sup>9</sup>. Em outras palavras, a Europa, enquanto “continente cultural”, apenas conhece seus textos fundadores em tradução, a saber: o grego para a filosofia e o hebraico para a religião (a Bíblia). A questão central é que as traduções da Bíblia, ao curso da história, de São Jerônimo aos nossos dias, são, para Meschonnic, a prova da necessidade urgente de uma poética da tradução que não se faça como uma conquista de poder entre culturas. Logo, o problema do escamoteamento judeu não está no fato de que a Europa foi fundada sobre traduções, mas de que a cultura europeia foi fundada justamente sobre o apagamento de seus textos fundadores.

Para Meschonnic (2007), “a Europa e a tradução estão a repensar uma pela outra”<sup>10</sup>, isto é, não se pode compreender a história da Europa sem a história das traduções bíblicas, pois essa história está marcada por uma série de apagamentos que reflete, sobretudo, o modo como o povo europeu encarou a alteridade e a diferença durante os séculos de sua formação cultural. Com efeito, o mundo cristão que se constituía nas ruínas do Império Romano foi apenas conhecido e praticado fora do judaísmo, por meio das traduções da *Septuaginta* e da *Vulgata*. Na Idade Média, posteriormente, a Europa sob o jugo do cristianismo reforça a superioridade do latim como língua sagrada sobre as diversas línguas consideradas inferiores, levando a uma “cristianização multissecular do texto bíblico”<sup>11</sup> (MESCHONNIC, 2007, p. 138).

Assim, a tradução começa a confundir-se com um jogo teológico-político que contribui massivamente para a ocultação do pensamento judeu por uma cristianização que começou muito cedo. Portanto, o trabalho efetuado por Meschonnic vai inscrever-se contra essa tendência, demonstrando que a tradução bíblica não é apenas um problema filológica<sup>12</sup>, mas ético e político: “o carácter sagrado do texto foi ele mesmo a questão de um conflito teológico”<sup>13</sup> (MESCHONNIC, 1981, p. 35). Neste propósito, critica-se o fato de que os tradutores cristãos, considerando a Bíblia Hebraica como um *significante* arcaico, operaram uma grave ocultação do hebraísmo em toda a história do teológico-político ocidental que é, conforme o autor, a história do antijudaísmo filológico cristão<sup>14</sup>.

Para Meschonnic, o paradigma cristão do signo sempre se pautou em opor o Antigo Testamento (significante) ao Novo Testamento (significado), sendo que o primeiro fora sempre reinterpretado nos termos do segundo. Historicamente, essa oposição levou a um polo dominante e outro dominado, isto é: o significante judeu foi assimilado nas traduções pelo significado cristão. Com efeito, a ideia de uma *anexação* serviu como defesa de uma cristianização e sacralização do texto bíblico, cujo impulso evangelizador se uniu ao impulso anexionista de uma manutenção da ordem e

<sup>9</sup> Lynne Franjié (2014, p. 100) diz que “Meschonnic revisite-t-il l’histoire de la traduction en Europe pour affirmer que ce ‘continent culturel’, le continent européen, n’est existe pas en réalité en tant que continent – puisqu’il n’est pas géographiquement séparé de l’Asie – mais qu’il est bâti sur des traductions et un fonds culturel comum” .

<sup>10</sup> Em francês : “l’Europe et la traduction sont à repenser l’un par l’autre” [tradução nossa].

<sup>11</sup> Em francês: “christianisation mult-séculaire du texte biblique” [tradução nossa].

<sup>12</sup> Meschonnic se refere a filologia (tradução filológica/problemas filológicos) como o simples cotejo entre duas línguas, língua de partida e língua de chegada, como se bastasse para o tradutor apenas conhecê-las. Quando se assume o estatuto filológico como critério de boa tradução e/ou de fidelidade passa-se a tratar a obra literária apenas como língua e não como discurso ou texto, quando, na verdade, é a obra que faz a língua e não a língua que faz a obra. Para o linguista francês, a tradução filológica levaria a privilegiar os hábitos e aparências da língua de chegada (língua do tradutor) e isso, por sua vez, levaria a um apagamento não só da poética do texto bíblico, mas, também, do apagamento do povo judeu. Logo, traduzir também é um combate ético-político.

<sup>13</sup> Em francês: “Le caractères sacré du texte a été lui-même l’enjeu d’un conflit théologique” [tradução nossa].

<sup>14</sup> Por meio da cultura cristã, o Velho Testamento (*Tanakh*) foi tomado apenas como um enunciado (significante), uma forma que revelaria seu sentido com o cristianismo (significado). Sendo assim um enunciado sem sujeito, ignorando todo o povo judeu que é o enunciador (sujeito) originário do texto. É o que Meschonnic chama de o problema do “significante judeu”.

negação da alteridade, pois a anexação foi sempre uma atitude para converter os povos, uma modalidade de apropriação dos bens culturais de outrem sobre a cobertura da tradução. Assim, ao longo de suas traduções, Meschonnic trabalha para “limpar” o texto de sua Cristianização, de sua francização, uma vez que, como diz James Underhill (2013, p. 121), “traduzir a Bíblia para Meschonnic, o que é senão uma revolta contra as tentativas, diversas e intermináveis, de colocar a mão sobre a verdade”<sup>15</sup>.

Por meio das traduções e, principalmente, das retraduições bíblicas, Meschonnic percebe que o estudo das suas diferentes versões se tornou o lugar onde “se descobre aliás, mais que nenhuma parte, o reencontro da ideologia e da filologia, o conflito da linguagem e do poder”<sup>16</sup> (1981, p. 35). Meschonnic constata que as traduções relativas dos textos bíblicos se fundam sobre categorias da hermenêutica e da poética ocidentais, baseadas na oposição entre *significante* e *significado*, conteúdo e forma, poema e prosa, particular e universal; agora que, para o autor, o hebraísmo bíblico ignora completamente esses dualismos, nos quais, repita-se, o primeiro termo é sempre visto de uma maneira negativa e à qual é frequentemente associado ao judeu.

Assim, a *Bíblia* se tornou o melhor terreno de experimentação das teorias do discurso, porque sua pontuação, seu ritmo, sua melodia possuem um importante papel tanto linguístico quanto antropológico na medida em que o hebraísmo bíblico não reconhece as cadeias do dualismo gregocristão. Meschonnic acrescenta que as características do hebraico bíblico neutralizam as noções ocidentais de prosa e poesia. Basta notarmos que a tipografia das traduções se torna versificante ou prosaisante, negando a divisão costumeira em livros “poéticos” (Cântico dos Cânticos, o Eclesiastes, Ester e Lamentações) e livros em prosa (os livros proféticos).

Porém, o desafio não é apenas reconhecer a especificidade judaica nas traduções, mas a possibilidade mesmo de reconhecer o pensamento judaico como uma nova matriz da linguagem ocidental. No âmbito da obra meschonniqueana, tal conceito (pensamento judaico) possui uma acepção própria e não se confunde necessariamente com o gesto religioso (embora essa associação seja incontornável para Meschonnic). Lucie Bourassa (1997), uma especialista na obra do autor, afirma que Meschonnic situa essa especificidade judaica não como uma religião (pois esse termo já é um termo latino, *religare* = religar, anexar), mas como uma “atividade”<sup>17</sup>, um modo de ver o mundo e a linguagem que corresponderia à “aventura histórica” do povo judeu: a marginalização de um povo sempre em diáspora refletiu a necessidade da construção de uma linguagem que se fizesse como o seu povo, um *contínuo* no espaço-tempo, uma linguagem *contínua* que rompe com a visão do signo. A partir dessa condição, defende uma *hebraização* do texto, ou seja, pensar a poética, a tradução e a linguagem, de modo geral, para além das concepções descontínuas do signo que ainda divide prosa e poesia, conteúdo e forma.

Logo, embora seja um texto religioso, o trabalho que Meschonnic realiza em suas traduções bíblicas é antes um trabalho poético sobre a linguagem (na verdade, considera sua tradução, paradoxalmente, uma relação à teológica com o texto bíblico), cujo corolário é que não há nem verso e nem prosa no hebraísmo bíblico, mas apenas o primado do ritmo que perturba e confunde a hegemonia do pensamento dualista. Daí porque, conforme Meschonnic (2007), a bíblia hebraica possui um valor profético para a teoria da linguagem, visto que é a recusa da representação da

<sup>15</sup> Em francês: “Traduire la Bible pour meschonnic, qu'est-ce que c'est, sinon une révolte contre les tentatives, diverses et interminables, de mettre la main sur la vérité” [tradução nossa].

<sup>16</sup> Em francês: “se joue à découvert, plus que nulle part ailleurs, la recontre de l'ideologie et de la philologie, le conflit du langage et du pouvoir” [tradução nossa].

<sup>17</sup> Em italiano: “Ho detto poco fache sono portato da una storia ebraica, ma devo precisare che non sono in nessun modo legato al giudaismo nel senso religioso, per me il giudaismo è soprattutto una storia vissuta e, in fondo, l'ottica di Jean-Paul Sartre delle Reflexionsur la question juif corrisponde alla mia situazione: l'antisemitismo e la storia dell'antisemitismo hanno inciso fortemente sul fatto che mi senta ebreo. Studiare l'ebreo era io mio modo di capire qualche significava essere ebreo” (MESCHONNIC, 2006, p. 31).

linguagem pelo signo, e uma abertura para o não pensado. Tudo isso nos mostra de forma concreta que “não basta conhecer a língua, é preciso entender, praticar e teorizar que traduzir um texto é traduzir um discurso, e não uma língua”<sup>18</sup> (MESCHONNIC, 2006, p. 42).

### “DIGA-ME COMO TU TRADUZES E EU TE DIREI O QUE TU FAZES DA LINGUAGEM”

Dentre os clássicos da tradução moderna, sem dúvida, Meschonnic é um pensador incômodo e provocativo. Seu pensamento sobre a tradução pode ser comparado a uma espécie de sensor que registra e antecipa questões e desafios que se mostraram recorrentes ao longo de séculos. O compromisso com a autenticidade de suas reflexões exige vigilância crítica permanente, que denuncia como impostura qualquer forma de dicotomia intelectual. Alexandre Eyries (2014, p. 91), um especialista sobre o autor, argumenta que “com Henri Meschonnic as interrogações sobre a epistemologia da tradução tomaram uma nova virada e reentraram numa nova era”<sup>19</sup>. Essa transformação vai ser associada por Eyries a um tipo “revolução copérmica que conduziu o tradutor a negligenciar a língua para reorientar sua atenção sobre o discurso”<sup>20</sup>.

A “revolução copérmica”, sentido que Eyres emprega, enfatiza a novidade, como no modo radicalmente novo de Copérnico de ver o universo e o nosso lugar nele. Logo, Eyries fala de “revolução copérmica” de Meschonnic para significar novas iluminações sobre a linguagem e tradução. Ademais, ao passo que o paradigma de mudança de Copérnico envolve um rompimento com todos os pensamentos anteriores, as iluminações de Meschonnic eram novas no sentido de um rompimento com a tradição sobre a linguagem. É neste sentido que Geovanni Dotoli (2013, p. 102), grande amigo do poeta, argumenta que *Poétique du traduire* tem certo “espírito profético”, pois a publicação em 1999 demarcaria, assim, os limites das velhas práticas tradutórias e já pensando a tradução para o século XXI: “Henri Meschonnic abriu as portas do futuro. Sua ideia de tradução [...] será o eixo do século que vem se abrir”<sup>21</sup>.

De acordo com Eyries, a grande revolução do pensamento de Meschonnic se encontra na reorientação tradutória para o discurso. Meschonnic (1999) vai argumentar que o discurso é a grande invenção do século XX no campo da linguagem, visto que permitiu submeter à crítica todos os domínios vitais da linguagem: a ética, a política e a poética. Assim, Meschonnic nos convida a reconsiderar totalmente o pensamento sobre a linguagem, a literatura e a política a partir do observador privilegiado que é a tradução, libertando-a das “amarras do signo” para pensar a luz de uma nova teoria do contínuo. Com isso, Meschonnic torna impossível a ideia de que a tradução seria uma atividade puramente linguística.

*Poétique du traduire* (1999) faz uma crítica ao que Meschonnic chama de “la langue de bois du traducteur”<sup>22</sup> [a língua de madeira do tradutor], isto é: a tradução pensada por meio dos conceitos binários da língua que se passam por uma falsa seriedade e bom senso: a “língua de partida”, “língua de chegada”, a “ilusão do natural”, as “equivalências” e etc; o que Meschonnic denomina de “álibi da língua”<sup>23</sup>. Para o crítico francês, essas categorias são obstáculos a qualquer um que queira pensar

<sup>18</sup> Em italiano: “non basta conoscere la lingua, bisogna arrivare a capire, praticare e teorizzare che tradurre un testo significa tradurre un discorso, non una lingua” [tradução nossa].

<sup>19</sup> Em francês: “Avec Henri Meschonnic les interrogations sur l’épistémologie de la traduction ont pris un nouveau virage et sont rentrés dans une nouvelle ère” [tradução nossa].

<sup>20</sup> Em francês: “révolution copernicienne qui a conduit le traducteur à négliger la langue pour recentrer son attention sur le discours” [tradução nossa].

<sup>21</sup> Em francês: “Henri Meschonnic a ouvert grand les portes de l’avenir. Son idée de traduction [...] sera l’axe du siècle qui vient de s’ouvrir” [tradução nossa].

<sup>22</sup> “Langue de bois” é uma expressão francesa que designa um clichê, algo fora da realidade, que não responde a um problema real.

<sup>23</sup> A maioria dos teóricos da tradução propõem sempre duas maneiras, dois caminhos opostos para a tradução. Encontra-se, assim, por exemplo, frequentemente, as oposições entre equivalência/correspondência, fidelidade/traição, criação/decalque. Mas é, sobretudo, com a oposição entre tradução fonte e tradução alvo que

sobre a linguagem e tradução. Logo, diagnosticar e combater esses problemas tradutórios exigiu a criação de uma arcabouço que pudesse identificar e penetrar em suas causas ideológicas. Propõe-se, então, uma poética do traduzir que visa superar esses conceitos “sagrados”. Esse esforço deu origem à *Poética do traduzir*.

Nesta obra, Meschonnic luta por uma tradução que se dê sempre como *poética*. Ele recusa a tradução como empirista, isto é, a tradução que “não tem teoria”, em que seus profissionais defendem um ecletismo e um bom senso nas práticas, servindo-se de conceitos da linguística e da estilística (esse é o ponto de vista mais antigo, um anti-teoricismo dos tradutores que preferem permanecer na gramática contrastiva). Recusa, também, a tradução pela fenomenologia<sup>24</sup> ou hermenêutica, o que levaria, segundo Meschonnic, o tradutor a ser apenas um intérprete da obra; e, por fim, recusa a tradução linguística que apenas conhece os conceitos da língua e não do discurso. Esta acredita resolver todos os “problemas” e desafios poéticos pela simples comparação entre as línguas, separando, assim, filologia e poética.

Desta forma, contrariando a tradução empirista, hermenêutica e linguística, supracitadas, Meschonnic vai defender uma poética do traduzir como uma *atividade (energeia)* e não simplesmente um *produto*. A poética e a tradução, para o autor francês, são atividades sobre a linguagem que compartilham do mesmo princípio de invenção de um discurso: “nada opõe, aliás, traduzir e escrever”<sup>25</sup> (MESCHONNIC, 1999, p. 577). Para realizar tal projeto de uma tradução como uma poética, nos termos aqui apresentados, Meschonnic reconhece a inseparabilidade de três pontos fundamentais:

- i) fundar a tradução como reveladora do pensamento da linguagem e da literatura (o que pressupõe uma crítica às estratégias e ideologias do tradutor);
- ii) fundar a teoria e prática tradutória sobre o discurso e não sobre a língua;
- iii) fundar a tradução como uma escritura; um *Decentramento*, contra uma anexação.

Para Meschonnic, toda tradução envolve um conjunto de ideias do tradutor sobre a linguagem, sobre a língua e sobre a literatura, na medida em que o tradutor, consciente ou não de sua atividade, revela o que pensa sobre a língua que está traduzindo e, conseqüentemente, sobre as possibilidades literárias que ela pode realizar. Daí o cuidado de Meschonnic em insistir que “basta uma tradução, basta uma frase, para verificar que o traduzir supõe toda a teoria da linguagem”<sup>26</sup> (1999, p. 251). De tudo isso, há que frisar que a prática tradutória é toda a teoria para o tradutor, na medida em que é capaz de revelar mais do que argumentos sistematizados num livro sobre tradução.

Há que insistir, uma vez mais, que uma simples escolha é capaz, de acordo com o autor, de revelar o conjunto de ideias que o tradutor tem sobre a língua, sobre o que é próprio de uma língua e não de outras, o que se deve ou não traduzir, o que seja possível ou impossível de ser realizado numa tradução, ou o que se estima que seja mais importante ou, pelo contrário, menos importante. Portanto,

parece resumir melhor todos esses paradigmas dualistas. Ora, a poética, como pensa Meschonnic, anula essas oposições, porque o verdadeiro alvo é fazer entender o que faz um texto, o texto, não a língua a qual todas essas oposições recaem. O “alvejador”, como declara Meschonnic, esquece, pois, que um “pensamento faz algo sobre a linguagem, e que é isto que se deve traduzir” (1999, p. 23). Para Meschonnic essas expressões são os dados incontestáveis de um efeito sobre a tradução, em que o discurso não é pensado, ele é desconhecido. A tradução, assim, permanece em uma velha representação da linguagem: aquela da língua, da frase, do enunciado.

<sup>24</sup> Dentre esses pontos de vista, a hermenêutica e a fenomenologia foram os mais combatidos por Meschonnic, mas é preciso dizer que o autor faz uma interpretação diferente de Heidegger. Para Meschonnic, Heidegger não estaria tão distante de Rivarol e dos iluministas franceses quanto à concepção de essencialização da língua.

<sup>25</sup> Em francês: “Rien n’oppose davantage écrire et traduire”.

<sup>26</sup> Em francês: “il suffit d’une phrase, pour vérifier que le traduire suppose toute la théorie du langage” [tradução nossa].

seu ponto de vista sobre a língua é, com efeito, sua “teoria da linguagem”. Diz-nos Meschonnic:

tudo o que ele [tradutor] acredita que se pode dizer, seu sentido de ilegível ou do que se pode dizer em tal língua, mas não em francês, todas as ideias sobre o gênio das línguas, e o pseudo-cartesianismo vulgar, a clareza francesa, tudo passa e se inscreve na sua tradução (1999, p. 111)<sup>27</sup>

Ora, se toda tradução envolve a representação que o tradutor tem da língua e da literatura, logo, a tradução é o melhor posto de observação dos múltiplos pontos de vista sobre a linguagem. Com isso, a tradução terá um papel esclarecedor (de revelação dos problemas epistemológicos) na medida em que coloca em jogo o “pensado” e o “não-pensado” sobre a linguagem na tradução, revelando, então, as estratégias da língua (ou mesmo a ausência de um pensamento na linguagem), e as estratégias do discurso e da poética. O papel da tradução, portanto, é forçar a reconhecer o discurso e a poética contra a manutenção das estratégias da língua. Esse olhar sobre as estratégias nos leva a pensar o que não foi pensado e a ultrapassar os limites do pensado. Daí, nota-se seu posto crítico como um combate para transformar.

Segundo Meschonnic, é preciso, para fazer uma tradução como poética, sair da língua para o discurso, já que não se traduz a língua, apenas se traduz o discurso, isto é, o que um sujeito faz de sua língua. Demos a palavra a Meschonnic, que explica assim o dito:

Um texto não está *em* uma língua (*em* hebraico, *em* inglês, *em* francês, e etc.) como um conteúdo em seu continente. Nesta medida, não é das línguas que se traduz. Mas um discurso de uma língua. É porque o discurso é a atividade histórica dos sujeitos, e não simplesmente o emprego da língua, que um texto é uma realização e uma transformação da língua pelo discurso (1999, p. 191)<sup>28</sup>.

Meschonnic argumenta que ao colocar a tradução no sentido, na língua, cria-se obstáculos para se pensar a poética do texto, porque, com efeito, um texto, uma escritura, não é um emprego passivo da língua, mas uma atividade que transforma, que ataca, que infringe a língua. É preciso compreender que cada discurso, cada obra literária impõe um novo valor para a língua, na medida em que a língua apenas lhe serve como uma matéria-prima finita para a construção de uma infinidade de discursos possíveis.

Convém, pois, lembrar um exemplo retirado do conto de Guimarães Rosa, “A terceira margem do rio”, para aclarar tudo o que foi dito: “o que ao menos se condizia mais correto, ou *se arrependia, por uma vez, para casa*” (ROSA, 1962, p. 33). Há no conto uma forte motivação recíproca que torna solidária o “arrepender-se”, verbo reflexivo, com a mudança que não é apenas interna, no entanto, sobretudo, externa, “para a casa” (= família), lugar de lembranças e recordações. Vê-se que essa frase parece uma encenação teatral da voz, uma teatralidade da língua, visto que se no palco há um movimento dos atores, das entradas e saídas de cena, também, na língua há uma gestualidade e um movimento nos modos de significar, um *mettre en scène de la voix*, como pontua Meschonnic.

Vê-se que, nessa frase, há uma “infração” na língua que desafia os hábitos do pensamento. Esse suposto “erro lógico” (um arrepender para casa), ao desafiar os limites da língua portuguesa, cria um “problema poético” (MESCHONNIC, 1999) para o tradutor, pois, para Meschonnic, a poética

<sup>27</sup> Em francês: “tout ce qu’il croit qu’on peut ou ne peut pas dire, son sens de l’illisible ou de ce qu’on peut dire dans telle langue mais pas en français, toutes les idées sur le génie des langues, et le pseudo-cartésianisme vulgaire, la clarté française, tout passe et s’inscrit dans sa traduction” [tradução nossa].

<sup>28</sup> Em francês: “un texte n’est pas dans une langue (en hébreu, en anglais, en français, etc.) comme un contenu dans un contenant. Dans cette mesure, ce n’est pas des langues qu’on traduit. Mais un discours d’une langue. C’est parce que le discours est l’activité historique des sujets, et non simplement l’emploi de la langue, qu’un texte est une réalisation et une transformation de la langue par le discours” [tradução nossa].

de um texto acontece como uma transformação da língua<sup>29</sup>, e, nessa condição, cada obra deve ser compreendida como um idioleto - uma língua particular - que se faz com e contra a língua na qual a obra se desenvolve. Logo, se considerarmos somente os problemas filológicos, isto é, problemas da língua, do “sentido”, poder-se-ia traduzir esse trecho, simplesmente, da seguinte maneira: *ou il se rentait, pour une fois, et rentrait à la maison* [ele se afastaria, por uma vez, e retornaria para casa]. Uma tradução, portanto, que se limita à concordância, à explicação, à segurança da língua como um “álibi do natural”. Entretanto, a partir do momento em que reconhecemos, nesta intrigante explicação de Guimarães Rosa, a *invenção* de uma nova percepção da vida e da realidade, a *invenção* de um discurso sobre a língua, passa-se a traduzir não a língua, mas o discurso que transforma a língua numa obra única.

Segue-se daí, portanto, que há, para Meschonnic, uma *boa* e uma *má* tradução, conforme se considere a língua ou o discurso. Vale a pena expormos longamente o que declara Meschonnic sobre o assunto:

É má a tradução que substitui o risco do discurso, o risco de uma subjetivação máxima da linguagem, sua historicidade, que somente faz que haja um texto, pelas autoridades, as garantias da língua e do gosto ambiente; uma tradução que substitui a alteridade pela identidade (...). *Boa*, é tanto literatura ou poesia que é a obra a traduzir, a tradução que, em relação com a poética do texto inventa sua própria poética, e que substitui as soluções da língua pelo problema do discurso, até inventar um problema novo, como a obra o inventa; uma tradução que, tento o texto por unidade, guarda a alteridade como alteridade (1999, p. 164)<sup>30</sup>.

Vamos uma vez mais, passo a passo, desatar o intrincado nó que todo o dito acima por Meschonnic encerra. Para o tradutor francês, a obra original e a tradução são invenções de um discurso por um sujeito (e apenas esta condição a faz ser uma tradução sob pena de ser apenas uma cópia); desse modo, a “obra-original” e a tradução agem da mesma maneira. Paradoxalmente, para Meschonnic, a grande diferença entre o original e sua tradução não está na heterogeneidade das línguas, porém no *risco* que cada tradução assume ao se fazer como uma escritura. “Risco” tem um sentido forte para Meschonnic, quer dizer que o próprio da obra literária (e de toda atividade da linguagem) é verdadeiramente correr riscos, porque, com efeito, pensar é um combate e não uma gestão dos interesses que nós sabemos.

A história do traduzir é o conflito e a tensão das diferentes posições sobre a tradução, por conseguinte, a teoria tradutória que nega sua posição na historicidade do traduzir, que não se situa em um conflito histórico, se faz cega para a sua condição essencial que é o conflito. Quanto a isso, leiamos ainda Meschonnic: “se podemos lutar por uma tradução, e uma tradução é já ela mesma um campo de batalha, é que a tradução tem um desafio maior”<sup>31</sup> (1999, p. 304). Para o autor, ao tomar-se uma posição sobre o traduzir se está, inevitavelmente, rivalizando já com o texto e com as outras traduções. A tradução-língua, por sua vez, esconde o que deveria mostrar. Neste caso, não há conflito, não há combate, não há transformação. Repita-se: somente a tradução-discurso pode renovar a tradução, pois ele mostra e situa que toda tradução é um combate.

<sup>29</sup>“La poétique est le feu de joie qu’on fait avec la langue de bois” [A poética é o fogo da alegria que se faz com a língua de madeira] (MESCHONNIC, 1999, p. 25)

<sup>30</sup> Em francês: “Est mauvaise la traduction qui remplace le risque du discours, le risque d’une subjectivation maximale du langage, son historicisation, qui seule fait qu’il y a un texte, par les autorités, les garanties de la langue et du goût ambiant; une traduction qui remplace l’alterité par l’identité. (...) Bonne, c’est-à-dire autant littéraire ou poésie que l’est l’oeuvre à traduire, la traduction qui, en rapport avec la poétique du texte invente sa propre poétique, et qui remplace les solutions de la langue par le problème du discours, jusqu’à inventer un problème nouveau, comme l’oeuvre l’invente; une traduction qui, ayant le texte pour unité, garde l’alterité comme altérité” [tradução nossa].

<sup>31</sup> Em francês: “Si on peut se battre pour une traduction, et une traduction est déjà elle-même un champ de bataille, c’est que la traduction a un enjeu majeur” [tradução nossa].

Desta forma, pensar a tradução nos termos de teoria do discurso é aceitar certos riscos para a tradução, isto é, correr os mesmos riscos que correm o original. Pensar a tradução como discurso, como a inscrição de um sujeito no discurso, é já correr o risco por combater o conceito de língua e de tudo que ele encerra. Negar os riscos é submeter-se à autoridade e a rigidez da língua. Curiosamente, para Meschonnic, o critério de uma boa tradução não está na correspondência filológica entre as línguas. Ou seja, não importa se o tradutor cometeu erros, mesmo assim a tradução pode ser boa.

Quando Guimarães Rosa transforma a língua portuguesa, ampliando suas possibilidades (um se arrepende para casa), ele inventa um “problema poético”. Nesse sentido, a tradução também deve inventar um problema novo na língua de chegada, substituindo as soluções e explicações da língua pelos problemas do discurso. Assim diz Meschonnic: “desde que há um efeito poético, há um problema poético de tradução”<sup>32</sup> (1999, p. 137). Há que insistir, portanto, que nosso autor não “abre mão” de ser ousado em suas traduções, uma vez que a língua cria limites para a tradução, é necessário infringir esses limites. Por isso, ele defende que é preciso superar tudo o que seja, ou pareça, linguisticamente impossível em uma tradução. Esse é o risco que a tradução deve passar para garantir seu lugar e seu valor ao lado do “original”.

Assumir esse risco do discurso, que implica um viés poético e ético do traduzir, exige que o tradutor, no fim das contas, seja também um escritor, alguém que reencarne o original numa nova escrita interpretativa e criativa: “A tradução é sempre reencarnação” (MESCHONNIC, 1973, p. 359), como também: (MESCHONNIC, 1973, p. 50): “traduzir um texto é uma atividade translinguística como a atividade de escritura mesma de um texto”<sup>33</sup>. Para Meschonnic, a tradução tem o mesmo valor que a “obra-original”.

Assim, se a tradução deve funcionar como um texto, não existe mais a transparência na tradução, nem a busca de uma equivalência em relação ao original. A tradução deve ser um trabalho em sua língua, fazendo-se, também, à sua maneira definida historicamente, subjetivamente, especificamente. Isso é o que Meschonnic chama de *descentramento*, que quer dizer a relação entre duas obras, duas poéticas, dois textos. Meschonnic opõe, então, o descentramento à anexação (corolário que se resume nas proposições de uma ilusão do natural, do apagamento e na transparência das relações entre línguas). O exemplo que demos sobre a tradução de um trecho do conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa, acaba anexando a particularidade da poética rosiana na língua francesa, já que a tradução esclarece e evita a complexidade da frase, limitando-se a um francês padrão; quando, na verdade, a tradução, como defende Meschonnic, deveria marcar as diferenças e alteridades e não apagá-las.

*Descentramento* é o choque dissonante entre pontos de vista diferentes, seja pela língua, pela pátria, pela cultura, etc. Meschonnic pensa nas possibilidades de uma crítica pela tradução que engaja um choque, um conflito, um diálogo com o texto diacrônico do passado. É por esse motivo que não podemos pensar que se traduz de uma língua para outra, mas que se traduz de um texto para outro. O fato é que os textos estão escritos em línguas diversas, porém nunca é a língua que se traduz – sistema fechado –, e sim um acontecimento na língua, a invenção de um discurso (ético-poético-político) na língua; e isso fica ainda mais claro ao se traduzir Guimarães Rosa. Se traduzirmos a língua, acabamos por traduzir para a nossa língua, ou seja, para um sistema fechado, sem dar ao texto aquilo que o caracteriza – seus desvios e indiossincrasias, sua experiência singular e histórica. Por isso, para Meschonnic, a tradução se torna um evento translinguístico.

O melhor exemplo que podemos dar a respeito do que seja uma tradução como *descentramento*, ou seja, uma tradução que se faça como uma relação entre discursos, é o trabalho

<sup>32</sup> Em francês: “Dès qu’il y a un effet poétique, il y a un problème poétique de traduction” [tradução nossa].

<sup>33</sup> Em francês: “Traduire un texte est une activité translinguistique comme l’activité d’écriture même d’un texte” [tradução nossa].

de Meschonnic sobre a Bíblia. Nosso autor recria uma tipografia nova para tentar reconstituir a materialidade dos ritmos da Bíblia, isto é, recriar os acentos específicos da língua hebraica, chamados de acentos massoréticos (*ta'amim*). Assim, recria-se por meio dos espaçamentos e dos brancos do texto, o silêncio, a vibração, a respiração e o ritmo da cantilação das leituras públicas da *Tanakh*. Vejamos um trecho de sua tradução retirado de *Poética do traduzir* (MESCHONNIC, 2010, p. 233):

Êxodo, 3,2

Et un envoyé d'Adonai vers lui se fit voir par une flamme de feu hors dubuisson  
 Et il vit et c'est le cuisson il brûle dansle fue et le buisson n'est pas mangé

E um enviado do senhor a ele se faz ver por uma chama de fogo que saia do mato  
 E ele viu é a sarça e ela arde no fogo e o mato não a devorou

Para reproduzir o ritmo da língua hebraica bíblica, Meschonnic inscreve em sua tradução um sistema de espaços brancos para simular os acentos musicais da dicção hebraico (acentos massoréticos). Ele conserva também a parataxe, em que outras traduções preferem substituir por conectivos (Ele olhou e viu que a sarça ardia em fogo, mas o fogo não se consumia), transformando o texto bíblico em prosa. Contudo, na verdade, o texto bíblico hebraico ignora essa divisão prosa/poesia.

Os brancos balizam, pois, a leitura, marcando as pausas, libertando as unidades e as articulações lógicas do versículo bíblico, intensificando a atividade da imaginação. A tipografia de Meschonnic visualiza a *oralidade*, destacando, assim, a dimensão judaica do texto (ele restitui uma oralidade original que tinha sido esquecida nas traduções e que fazem acontecer, segundo ele, a verdadeira natureza da Bíblia: sua dimensão sonora e acústica). Tal articulação prosódica, tão diferente de nossos hábitos de leitura, cria uma verdadeira “modernidade” nas traduções bíblicas, realizando o encontro entre a língua hebraica e a língua francesa, cujo resultado não é um transporte de sentido, porém uma relação que amplia o horizonte da língua francesa. É isso que Meschonnic vai chamar de descentramento: uma tradução que não privilegia a língua de chegada, mas que se construa como uma relação entre as duas línguas. De modo similar, Haroldo de Campos também vai pensar o viés poético e político da tradução pela relação entre as línguas: “ao invés de apertuguesar o alemão, germanizo o português, deliberadamente, para o fim de alargar-lhe as virtuosidades criativas” (1981, p. 194).

Desta forma, a tradução meschonnicueana da Bíblia dá a entender e a reconhecer um funcionamento específico da linguagem hebraica até então inaudita. Logo, a Bíblia, sendo um ato de linguagem que não se assemelha a nenhum outro, impõe o reconhecimento de um pensamento sobre a linguagem irreduzível às categorias do signo, como impõe, também, o reconhecimento de que a língua é, antes tudo, o que o sujeito faz em sua língua: conjunção de fatores, aliás, que conduz do sagrado à poética, da linguagem à dimensão ética e política nas traduções de Meschonnic. Traduzir, portanto, não é traduzir uma língua, mas seu acontecimento como discurso, e a literatura (como também o texto bíblico) demonstra com mais especificidade que não existe concretamente a língua, apenas discursos. Assim, o ato de traduzir ancorado nessa percepção, que não é somente poética, porém, também, política e cultural, pode revelar possibilidades latentes da língua e, assim, enriquecê-la. Daí porque Meschonnic considera a Bíblia como uma obra poética da língua hebraica, e, a partir dessa visão, ele pensa tradução bíblica como uma busca de hebraicizar a língua francesa.

Recebido em: 21/09/2022

Revisões requeridas em: 02/05/2023

Aceito em: 15/06/2023

## REFERÊNCIAS

- ANCET, Jacques. Traduir avec Henri Meschonnic. In: LEOPIZZI, Marcela; BOCCUZZI, Celeste (Org). **Henri Meschonnic**: théoricien de la traduction. Paris: Hermann, 2014, p. 27-33.
- BERMAN, Antoine. **Pour une critique des traductions**: John Donne. Paris: Galimard, 1995.
- BOURASSA, Lucie. **Henri Meschonnic**: pour une poétique du rythme. Paris: Bertrand-Lacoste, 1997.
- CAMPOS, Haroldo. **Deus e o Diabo no Fausto de Goethe**. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- DOTOLI, Giovanni. **La force dans le langage**: lecture d'Henri Meschonnic. Paris: Hermann, 2013.
- EYRIES, Alexandre. Un itinéraire communicationnel à travers la traduction d'Henri Meschonnic. Du sens à la signifiance. In: LEOPIZZI, Marcela; BOCCUZZI, Celeste (Org). **Henri Meschonnic**: théoricien de la traduction. Paris: Hermann, 2014, p. 85-97.
- FRANJÍ, Lynne. Ceci n'est pas une traduction! In: LEOPIZZI, Marcela; BOCCUZZI, Celeste (Org). **Henri Meschonnic**: théoricien de la traduction. Paris: Hermann, 2014, p. 97-109.
- MESCHONNIC, Henri. **Pour la poétique II**. Paris: Gallimard, 1973.
- MESCHONNIC, Henri. Traduir la Bible, de Jonas à Jona. In: **Langue française**, 1981, p. 35-52.
- MESCHONNIC, Henri. **Critique du rythme**. Paris: Verdier, 1982.
- MESCHONNIC, Henri. **Poétique du traduire**. Paris: Verdier, 1999.
- MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- MESCHONNIC, Henri. **Éthique et politique du traduir**. Paris: Verdier, 2007.
- ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio In: **Primieras estórias**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1962.
- MESCHONNIC, Henri. **Il ritmo come poetica**, conversazioni con Giuditta Isotti Rosowski. Roma: Bulzoni, 2006.
- UNDERHILL, James. Le sujet transformateur du langage. In: MARTIN, Serge (Org). **Paroles rencontres**: ouvrir les archives "Henri Meschonnic". L'Atelier du grand Tétrás, 2013, p. 117-134.